



**CENTRO
UNIVERSITÁRIO**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIS
GURGACZ**

**O USO DE PSICOFÁRMACOS ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE
CORONAVÍRUS EM UM MUNICÍPIO SITUADO NO OESTE DO PARANÁ**

CASCADEL

2021

KALUANI TAINA VERONEZE

**O USO DE PSICOFÁRMACOS ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE
CORONAVÍRUS EM UM MUNICÍPIO SITUADO NO OESTE DO PARANÁ**

Trabalho apresentado à disciplina
de Trabalho de Conclusão de
Curso, como exigência para
obtenção do título de Bacharel em
Farmácia. Centro Universitário da
Fundação Assis Gurgacz.

**Professora orientadora: Leyde
Daiane de Peder**

CASCADEL

2021

KALUANI TAINA VERONEZE

**O USO DE PSICOFÁRMACOS ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE
CORONAVÍRUS EM UM MUNICÍPIO SITUADO NO OESTE DO PARANÁ**

Trabalho apresentado no Curso de Farmácia, do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Farmácia, sob a orientação da professora Leyde Daiane de Peder, tendo sido _____ com nota _____, na data de 13/11/21.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Leyde Daiane de Peder

Avaliadora: Heloise Skiavine Madeira

Avaliador: José Roberto Alves Filho

Cascavel-PR, 13 de novembro de 2021.

SUMÁRIO

1. REVISÃO DA LITERATURA.....	5
REFERÊNCIAS.....	16
2. ARTIGO CIENTÍFICO.....	18
REFERÊNCIAS.....	29
3. NORMAS DA REVISTA	31
4. RELATÓRIO DOCXWEB	32

1. REVISÃO DA LITERATURA

ANSIEDADE

A ansiedade é comum e normal na vida cotidiana das pessoas, pode refletir um estado de medo ou um sentimento de apreensão, e consiste na resposta à estímulos ameaçadores, como reflexos autonômicos, comportamentos defensivos, emoções negativas, sinais de alerta e despertar. Pode ser caracterizada como uma inquietação interna, associada a reações corporais como sensação de vazio no estômago, aperto no peito, aceleração dos batimentos cardíacos, tontura, sudorese, calafrios, tremores, urgência para urinar e cólicas abdominais, que ocorrem de forma antecipatória (PEROBELLI *et al.*, 2018).

Os sentimentos de ansiedade se tornam mais comuns quando se está diante de acontecimentos novos, como por exemplo quando se vivencia momentos de transição, quando se está frente à um evento inusitado, ou em situações de ruptura. O ponto em que os sintomas passam a interferir nas atividades produtivas normais, a ansiedade passa a ser preocupante. Pode se tornar patológica quando surge sem estímulo aparente ou que não seja proporcional aos sentimentos que desperta, em relação à intensidade, duração e frequência (PEROBELLI *et al.*, 2018).

TRANSTORNOS DE ANSIEDADE

O transtorno de ansiedade generalizada (TAG) é definido como um estado constante de tensão e preocupação excessiva com os eventos e atividades diárias, sem possuir uma razão clara, e que ocorre quando essas sensações são persistentes e causam prejuízos notáveis na vida cotidiana. É considerada uma doença crônica, na qual são frequentes sintomas como insônia, angústia, irritabilidade e dificuldade de concentração. Também são comuns alguns sintomas físicos como cefaleia, mialgia, dor ou sensação de queimação no estômago, taquicardia, tontura e sudorese (LOVE; LOVE, 2019; PEROBELLI *et al.*, 2018).

Os ataques de pânico são episódios curtos de medo intenso, que podem ser recorrentes e inesperados, ou desencadeados por algum fator ambiental, como por

exemplo aglomerados humanos, sensação de estar “preso” ou com dificuldade para sair de algum lugar. Comumente ocorrem sintomas como taquicardia, suor frio, desconforto respiratório ou sensação de asfixia, e durante as crises intensas, podem ocorrer diversos graus de despersonalização e desrealização. Caso as crises sejam recorrentes, com desenvolvimento de medo de ter novas crises, preocupações sobre possíveis implicações da crise (perder o controle, ter um ataque cardíaco ou enlouquecer) e sofrimento subjetivo significativo, configura-se o quadro de transtorno de pânico (LOVE; LOVE, 2019; PEROBELLI *et al.*, 2018).

O transtorno de ansiedade social (TAS) refere-se ao medo e preocupação excessivos em relação às interações sociais do cotidiano, especificamente com a forma como alguém é percebido e julgado por outros. Quando não tratado, o transtorno de ansiedade social pode, muitas vezes, levar ao desenvolvimento de outros problemas relacionados à saúde mental como a depressão maior, e compulsões como o uso abusivo de substâncias (LOVE; LOVE, 2019).

O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) consiste no medo persistente ou angústia emocional como resultado de alguma lesão severa ou algum choque psicológico a um evento traumático, com invasão contínua dos sintomas relacionados a esse evento. Em alguns indivíduos podem ocorrer reações dissociativas, na medida em que sentem que estão revivendo aquele momento, por meio de pensamentos, sonhos e reações emocionais, na qual podem não estar cientes de seus arredores atuais (LOVE; LOVE, 2019).

O transtorno obsessivo compulsivo (TOC) é caracterizado por incontrolláveis e recorrentes pensamentos, sensações, sentimentos ou comportamentos que levam o indivíduo a tomar atitudes repetidamente. Muitas vezes a pessoa com TOC, tenta ignorar e suprimir os pensamentos obsessivos, ou neutralizá-los com algum outro pensamento ou ação, como realizar uma compulsão. De modo geral, os comportamentos compulsivos visam reduzir a ansiedade, no entanto, esses atos são excessivos ou não relacionados de forma realista com o pensamento que foi criado para neutralizar (LOVE; LOVE, 2019).

DEPRESSÃO

A literatura traz a descrição das síndromes depressivas dentro de uma categoria maior denominada “transtornos do humor”. Isto porque o humor é uma importante função psíquica definida como um estado de experiência interna, que influencia a tendência emocional, comportamental e de visão de mundo de um indivíduo. E, por esse motivo, quando o humor está severamente comprometido, todas as outras funções o acompanham. Assim, uma pessoa com o humor abatido, frequentemente também estará aparentemente entristecido, desatento, sem energia e vontade, e com pensamentos, opiniões e julgamentos negativos (PEROBELLI *et al.*, 2018).

Os fatores ambientais podem estar intimamente relacionados com o surgimento ou o agravamento de sintomas depressivos. Dentre eles, o luto pela perda de pessoas importantes, crises conjugais ou financeiras, mudanças bruscas do padrão social ou cultural, dificuldades adaptativas, traumas físicos e psíquicos, diagnóstico de alguma doença grave ou crônica, desamparo social e familiar. Esses fatores interagem de forma emaranhada com os padrões de personalidade de cada indivíduo, podendo desencadear estados patológicos de humor, ou alterar a evolução de um transtorno de humor que já vinha sendo tratada (PEROBELLI *et al.*, 2018).

Pesquisas mostram, no campo biológico, o importante papel de substâncias cerebrais (neurotransmissores) que estão diretamente relacionadas a distúrbios depressivos, o que é fundamental para possibilitar o desenvolvimento de tratamentos farmacológicos. E, além disso, outros fatores biológicos externos ao sistema nervoso central podem estar envolvidos, como por exemplo doenças crônicas, quadros dolorosos e disfunções hormonais ou imunológicas. Portanto, é compreensível que os transtornos depressivos são complexas relações entre fatores neuroquímicos, comportamentais, psicológicos, sociais e culturais, razão pela qual a depressão não deve ser avaliada de forma segmentada, e sim global (PEROBELLI *et al.*, 2018).

TRANSTORNOS DE DEPRESSÃO

Nos casos em que os episódios depressivos ocorrem de forma primária, ou seja, com início sem associação a alguma outra condição de saúde, ou sem ocorrência de um estressor bem definido, denomina-se o quadro de “transtorno

depressivo maior” ou “depressão unipolar”. Na qual ainda, pode ser subdividido de acordo com a apresentação dos sintomas, podendo ser leve, moderado ou grave (PEROBELLI *et al.*, 2018).

A ocorrência de um quadro depressivo no contexto de um outro transtorno de humor denominado “transtorno bipolar” é um diagnóstico de evolução, gravidade e tratamento bastante diferentes, e o diagnóstico diferencial é imprescindível para evitar que o indivíduo saia de um episódio depressivo para um “episódio maníaco”, um quadro grave de elevação patológica do humor caracterizado por aceleração psíquica, desinibição, ideias anormalmente grandiosas, comportamento de risco até a completa desorganização comportamental (PEROBELLI *et al.*, 2018).

A depressão psicótica consiste na ocorrência de alterações graves no comportamento, pensamento, juízo crítico e sensopercepção, como delírios, alucinações, ideias de conteúdo bizarro, e incapacidade de se mover normalmente (catatonia). Estes são sintomas psicóticos comuns, e podem ocorrer em quadros graves depressão unipolar ou bipolar, sendo geralmente um especificador de gravidade para quadros depressivos de qualquer natureza (PEROBELLI *et al.*, 2018).

Episódios depressivos associado a importantes sintomas ansiosos, como estados de angústia intensa, agitação, insônia, tremores, taquicardia, sudorese, dificuldade ou impossibilidade de relaxar, caracterizam a “depressão ansiosa”. Embora estes sintomas sejam comuns em associação com sintomas de humor deprimido, necessitam de uma atenção especial pois alteram a evolução e a resposta ao tratamento (PEROBELLI *et al.*, 2018).

FISIOPATOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO DA DEPRESSÃO E DA ANSIEDADE

A atual compreensão dos mecanismos fisiopatológicos subjacentes à depressão e à ansiedade foi deduzida dos mecanismos de ação de substâncias psicofarmacológicas, e de suas ações sobre a neurotransmissão, envolvendo principalmente a serotonina (5-HT), a noradrenalina (NA) e o GABA (KRENSKY *et al.*, 2019).

Em termos biológicos, existem duas hipóteses para a explicação da fisiopatologia da depressão. A primeira é a teoria das monoaminas, na qual a

depressão resulta da diminuição dos neurotransmissores nas sinapses, como a serotonina e a noradrenalina. Esses neurotransmissores são removidos das sinapses, após a sua liberação, por um processo de recaptação pelo neurônio pré-sináptico. Após recaptação, estes neurotransmissores podem ser armazenados em vesículas, para serem libertados na fenda sináptica novamente, ou destruídos dentro do neurônio pela ação da enzima monoaminaoxidase (MAO). E a segunda hipótese, provavelmente determinada geneticamente, está relacionada com as alterações dos receptores dos neurotransmissores podendo resultar de uma disfunção do número e da sensibilidade destes. Neste caso, a deficiência das monoaminas resultaria da hipersensibilidade dos receptores monoaminérgicos que, por um mecanismo de feedback, diminuem a síntese e liberação destas (NEVES, 2015).

Vários fatores estão relacionados à fisiopatologia da ansiedade, apesar de ainda não terem uma explicação clara, o que pode se observar é que nas síndromes ansiosas ocorre uma superestimulação do risco em algumas situações, levando a níveis aumentados de ativação de circuitos no cérebro, que estão geralmente relacionados ao medo. Nesse sentido, a percepção de estímulos nocivos lança a ativação de um “circuito de ameaça” no cérebro, consistindo em conexões recíprocas entre córtex pré-frontal dorsomedial, ínsula e amígdala. Por estudos já realizados em outros trabalhos, este circuito de ameaça demonstrou ser inibido pela serotonina, ou seja, pode-se dizer que os medicamentos Inibidores Seletivos da Recaptação da Serotonina (ISRS) reduzem a atividade neurobiológica na região do córtex pré-frontal e amígdala (GIACOBBE; FLINT, 2018).

FARMACOTERAPIA

Tanto a depressão quanto a ansiedade podem afetar simultaneamente um paciente, e alguns fármacos são efetivos no tratamento de ambos os transtornos, devido a mecanismos subjacentes comuns de fisiopatologia e resposta à farmacoterapia (KRENSKY *et al.*, 2019).

ANSIOLÍTICOS

Os principais medicamentos utilizados no tratamento da ansiedade são os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), os inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSN), os benzodiazepínicos, e a buspirona. Sendo que, a escolha do tratamento farmacológico é determinada pelos transtornos específicos relacionados à ansiedade, e depende se a necessidade clínica é de efeito agudo ou de efeito crônico (KRENSKY *et al.*, 2019).

Entre os ansiolíticos usados, apenas os benzodiazepínicos são eficazes no tratamento agudo, porém há uma preocupação quanto à sua utilização devido a seu potencial de abuso e dependência, bem como efeitos negativos sobre a cognição e a memória. Já no tratamento crônico são utilizados os ISRS, os IRSN e a Buspirona pois produzem e sustentam os efeitos ansiolíticos (KRENSKY *et al.*, 2019).

Os ISRS e a venlafaxina (IRSN) são bem tolerados pois possuem um perfil de efeitos colaterais razoável, e são tratamentos de primeira escolha para a maioria dos transtornos de ansiedade, exceto quando se deseja um efeito farmacológico imediato. A buspirona é utilizada apenas no tratamento do transtorno de ansiedade generalizada. A fluvoxamina é aprovada somente para o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). Outros fármacos com ações direcionadas à neurotransmissão serotoninérgica, como trazodona, nefazodona e mirtazapina, também são utilizados no tratamento dos transtornos de ansiedade (KRENSKY *et al.*, 2019).

ANTIDEPRESSIVOS

Em geral, os antidepressivos aumentam a transmissão serotoninérgica ou noradrenérgica. Os medicamentos mais utilizados, frequentemente designados antidepressivos de segunda geração, são os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) e os inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSN), que apresentam menos toxicidade e melhor segurança em comparação com os fármacos de primeira geração, que incluem os inibidores da monoaminoxidase (IMAO) e os antidepressivos tricíclicos (ADT) (KRENSKY *et al.*, 2019).

A resposta ao tratamento com fármacos antidepressivos geralmente apresenta uma "defasagem terapêutica" de 3 a 4 semanas de duração antes que se possa observar um efeito terapêutico mensurável. Entretanto os sintomas respondem de

forma diferente, com a melhora dos distúrbios do sono ocorrendo mais cedo, e do humor e dos déficits cognitivos ocorrendo mais tarde. Todavia, é importante monitorar rigorosamente os pacientes, em particular durante a fase inicial do tratamento (KRENSKY *et al.*, 2019).

Os antidepressivos não são recomendados como monoterapia para o transtorno bipolar. Pois, esses fármacos, especialmente os ADT, os IRSN e, em menor grau, os ISRS, podem induzir a mudança de um episódio depressivo para um episódio maníaco ou hipomaníaco em alguns pacientes (KRENSKY *et al.*, 2019).

A COVID-19

O coronavírus foi descoberto durante a década de 1960, e historicamente causou duas pandemias, em 2002 a 2003 a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) e em 2012 a Síndrome Respiratória do Oriente Médio. No final do ano de 2019, a nova doença causada por vírus dessa mesma subfamília, também chamada de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2) ou Doença por Coronavírus 2019 (COVID-19), tornou-se uma epidemia inicialmente na cidade de Wuhan, na China, que rapidamente se espalhou para outros países, e que posteriormente resultou em uma ampla disseminação viral em todo o mundo. Foi então, no início do ano de 2020, que a OMS declarou surto de COVID-19 como uma pandemia. Doença que surgiu como uma ameaça à saúde de forma global, devido a sua rápida disseminação, e desde então, tornou-se o mais grave problema de saúde pública a ser enfrentado no mundo (UMAKANTHAN *et al.*, 2020).

FISIOPATOLOGIA DA COVID-19

O ciclo de vida do vírus no hospedeiro consiste em cinco etapas. Assim que o hospedeiro entra em contato direto com o vírus, ele se liga aos receptores do hospedeiro (primeira etapa), e posteriormente entra nas células hospedeiras por endocitose ou fusão de membrana (segunda etapa). Uma vez que os conteúdos virais estão dentro das células hospedeiras, o RNA viral entra no núcleo para replicação, e o RNAm viral é utilizado para fazer biossíntese (terceira etapa), e então, novas

partículas virais são formadas (quarta etapa) para serem liberadas (quinta etapa) (YUKI, 2020).

A estrutura do vírus consiste em quatro proteínas, a Spike (S), a Membrana (M), o Envelope (E), e o Nucleocapsídeo (N). A proteína S é composta por uma glicoproteína transmembrana que se projeta na superfície do vírus, e divide-se em duas subunidades funcionais, a subunidade S1 que é responsável pela ligação no receptor da célula hospedeira, e a subunidade S2 que é responsável pela fusão das membranas virais com as membranas celulares do hospedeiro (YUKI, 2020).

Após a ligação do SARS-CoV-2 à proteína celular hospedeira, a proteína S do vírus sofre clivagem por protease e suas duas subunidades permanecem ligadas de forma não covalente, sendo que a S1 distal contribui para a estabilização da S2 ancorada na membrana em um estado de pré-fusão. A clivagem subsequente na subunidade S2 presumivelmente ativa a proteína S para a fusão da membrana via irreversível. As características únicas do SARS-CoV-2 entre os coronavírus é a existência do local de clivagem da furina nas subunidades S1 e S2. E essa expressão onipresente de furina provavelmente é o que torna esse vírus tão patogênico (YUKI, 2020).

SINAIS E SINTOMAS

As características clínicas da COVID-19 são muito variáveis, pois os sintomas são inespecíficos, sendo que inicialmente foram observados principalmente febre, tosse e mialgia, e após a infecção ter alcançado diversamente os indivíduos, começou-se a observar também dor de garganta, cefaleia, calafrios, náusea ou vômito, diarreia, ageusia (perda do paladar) e anosmia (perda do olfato). Além disso, a doença também inclui alguns casos que são assintomáticos (UMAKANTHAN *et al.*, 2020).

A COVID-19 pode ser considerada desde uma doença leve até uma doença grave ou fatal, podendo ser classificada clinicamente em: doença leve a moderada quando não há pneumonia ou há pneumonia leve; doença grave quando há dispneia, frequência respiratória acima de 30/minuto, saturação de oxigênio (SaO₂) inferior a 93%, relação de pressão arterial de oxigênio/fração inspirada de oxigênio

(PaO₂/FiO₂) inferior a 300 e/ou infiltrados pulmonares em mais de 50% do pulmão dentro de 24 a 48 horas; e doença crítica quando há insuficiência respiratória, choque séptico e/ou disfunção/falha de múltiplos órgãos (UMAKANTHAN *et al.*, 2020).

TRANSMISSÃO E MEDIDAS PREVENTIVAS

Os primeiros casos, relatados em Wuhan na China, foram considerados infecção adquirida de uma fonte zoonótica, oriunda de um mercado de frutos do mar que comercializava animais como aves, cobras, morcegos, entre outros. Apesar de sua origem ter sido uma zoonose, sabe-se hoje que a disseminação do vírus via humano a humano é que deve ser levada em conta, devido a sua alta velocidade de propagação (UMAKANTHAN *et al.*, 2020).

A transmissão de pessoa para pessoa pode ocorrer por meio de contato direto com uma pessoa infectada, geralmente por familiares entre os quais esse contato é mais próximo e por um tempo mais prolongado; por meio de aerossóis nos quais o vírus permanece viável e infeccioso por até três horas após ser eliminado no ambiente (dependendo da quantidade e da espessura da secreção liberada pelo indivíduo, e da superfície em que irá se depositar), por meio de transmissão indireta, por superfícies contaminadas, como por exemplo de plástico e aço inoxidável, nas quais o vírus permanece viável e infeccioso por até setenta e duas horas; e também foram registradas a detecção de partículas virais em amostras de sangue e swabs retais, o que indica a possibilidade de outras diferentes fontes de transmissão (BRITO *et al.*, 2020).

Por se tratar de uma infecção respiratória que se propaga principalmente por meio de gotículas, secreções e aerossóis, e pelo fato de que os casos não documentados, por ausência de sintomas ou presença de sintomas pouco específicos, são a principal fonte de novas infecções, todos os indivíduos são considerados potenciais disseminadores, e portanto, todos devem aderir as medidas preventivas como o distanciamento social, a utilização de máscaras e os hábitos de higiene, e principalmente em casos de suspeita, devem cumprir a quarentena e o isolamento. Estas medidas são tomadas para proteger a sociedade da exposição ao risco de doenças contagiosas, como a COVID-19, e torna-se evidente a sua

importância, visto que ainda não existem terapias específicas (BRITO *et al.*; FARO *et al.*, 2020).

O distanciamento social consiste na manutenção de uma distância espacial entre um indivíduo e outro, quando estão em algum ambiente público, ou seja, fora de suas casas, de forma a evitar a reunião de grupos de pessoas que pode resultar em aglomerações. A quarentena e o isolamento, embora muitas vezes usadas como sinônimos, possuem objetivos distintos. A quarentena consiste em restringir a circulação de pessoas que foram expostas à doença, visando observar se ficarão doentes ou não, de modo a evitar a disseminação caso o indivíduo em questão tenha sido contaminado no momento em que foi exposto. Já o isolamento, diz respeito à separação de pessoas que estão infectadas, das pessoas que não estão infectadas, até o momento em que a pessoa que está com a infecção se recupere e seja descartada a possibilidade de esta contaminar outra (FARO *et al.*, 2020).

RELAÇÃO DA COVID-19 COM A SAÚDE MENTAL

Apesar das barreiras sanitárias serem fundamentais para atenuar o contágio, e trazer benefícios para a contenção da doença, mantendo as pessoas sem contato com outras, implicam muitas vezes na vivência de situações desagradáveis que podem ocasionar impactos na saúde mental das pessoas. Situações como, por exemplo, a necessidade de afastamento de amigos e familiares, a incerteza quanto ao tempo de distanciamento, tédio, medo, entre outras, podem desencadear transtornos de ansiedade, transtornos de depressão, e comportamentos suicidas (FARO *et al.*, 2020).

Já é esperado que a demanda por cuidados no âmbito da saúde mental dos pacientes diagnosticados com a COVID-19, de seus familiares, de indivíduos do grupo de risco e de profissionais da linha de frente, tenda a subir, por conta da simultaneidade e velocidade de surgimento de casos confirmados da doença, bem como a exposição ao vírus, a possibilidade de óbito, e o impacto de todas as mudanças no funcionamento social resultantes da pandemia (FARO *et al.*, 2020).

A possibilidade de a crise tornar-se uma catástrofe em saúde mental, somente não se consolida neste momento, porque o evento ainda está em curso e há diferentes

estágios da pandemia em diferentes localidades do mundo. Ainda que, atualmente, já sejam visíveis as alterações decorrentes da COVID-19 na vida das pessoas, seu potencial de catástrofe em saúde mental só será devidamente conhecido após a passagem do período da pandemia (FARO *et al.*, 2020).

Pelo fato de que não há expectativas claras a respeito de quando ocorrerá o controle da disseminação, pode-se dizer que as repercussões psicológicas que o cenário geral da pandemia causa sobre a sociedade como um todo, pode se tornar um fator notavelmente limitante para que o próprio país supere uma crise como a da COVID-19 (FARO *et al.*, 2020).

REFERÊNCIAS

- BRITO, S. B. P. *et al.* Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século xxi. **Vigilância Sanitária em Debate**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 54-63, 29 maio 2020. *Vigilancia Sanitaria em Debate: Sociedad, Ciencia y Tecnologia*. Disponível em: <<https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1531/1148>>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v.37, e200074, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- GIACOBBE, P.; FLINT, A. Diagnosis and Management of Anxiety Disorders. **Behavioral Neurology And Psychiatry**, Toronto, p. 893-919, jun. 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29851884/>>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- KRENSKY, A. M. *et al.* **As Bases Farmacológicas da Terapêutica de Goodman e Gilman**. 13. ed. Porto Alegre: Amgh Editora Ltda, 2019. 1760 p.
- LOVE, A. S.; LOVE, R. Anxiety Disorders in Primary Care Settings. **Nursing Clinics Of North America**, [S.L.], v. 54, n. 4, p. 473-493, dez. 2019. Elsevier BV. <https://doi.org/10.1016/j.cnur.2019.07.002>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- NEVES, A. L. A. Tratamento Farmacológico da Depressão. 2015. 67 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5309/1/PPG_17718.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- PEROBELLI, A. O. *et al.* **Diretrizes Clínicas em Saúde Mental**. Vitória: [S.l.: s.n., 2018. 265 p. Disponível em: <<https://saude.es.gov.br/Media/sesa/Protocolo/Diretrizes%20Clinicas%20em%20saude%20mental.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- SOUSA, F. C. B. Protocolos utilizados para diagnostico de COVID-19. **Revista da Faesf**, [S.L], v. 4, p. 35-39, jun. 2020. Disponível em:

<<https://www.faesfpi.com.br/revista/index.php/faesf/article/view/113>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

UMAKANTHAN, S. Origin, transmission, diagnosis and management of coronavirus disease 2019 (COVID-19). **Postgrad Med J**, [S.L.], v. 96, p. 753-758, jul. 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32563999/>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

YUKI, K.; FUJIOGI, M.; KOUTSOGIANNAKI, S. COVID-19 pathophysiology: a review. **Clinical Immunology**, [S.L.], v. 215, p. 108427, jun. 2020. Elsevier BV. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7169933/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

2. ARTIGO CIENTÍFICO

O USO DE PSICOFÁRMACOS ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE CORONAVÍRUS EM UM MUNICÍPIO SITUADO NO OESTE DO PARANÁ

THE USE OF PSYCHOPHARMACEUTICALS BEFORE AND DURING THE CORONAVIRUS PANDEMIC IN A MUNICIPALITY SITUATED IN WEST PARANÁ

Kaluani Taina Veroneze¹; Leyde Daiane de Peder²

¹Discente do curso de Farmácia, do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. Cascavel/PR. E-mail: kaluanitaina@hotmail.com

²Docente do curso de Farmácia, do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. Cascavel/PR. E-mail: leydepeder@yahoo.com.br

RESUMO:

Muito se fala sobre os impactos mentais que podem ter sido ocasionados durante a pandemia da doença por coronavírus (COVID-19). Assim, o presente estudo teve como objetivo comparar a quantidade de ansiolíticos e antidepressivos dispensados durante o último trimestre de 2019 com o último trimestre de 2020, e verificar se houve aumento. Para isso, foi realizada análise de relatórios de dispensação, e dados como sexo e idade, de pacientes atendidos em uma UBS localizada na cidade de Nova Laranjeiras – Paraná. Das 1988 dispensações realizadas durante os 6 meses, 1046 ocorreram em 2019 e 942 em 2020, demonstrando uma redução de 9,94%. Entretanto, ao analisar a dispensação de cada medicamento separadamente, pôde-se observar aumento do uso do clonazepam (3,38%) e da nortriptilina (23,72%) no ano de 2020. Quanto às variáveis analisadas, foi possível observar que houve predomínio da utilização dos medicamentos por pessoas do sexo feminino, e também por pessoas com idade entre 59 e 69 anos, em ambos os anos. Ao contrário do que se esperava, o estudo demonstrou que não houve aumento do uso de medicamentos para ansiedade e depressão durante a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, psicofármacos, depressão, ansiedade.

ABSTRACT:

Much is said about the mental impacts that may have been caused during the coronavirus disease pandemic(COVID-19). Thus, the present study aimed to compare the amount of anxiolytics and antidepressants dispensed during the last quarter of 2019 with the last quarter of 2020, and verify if there was an increase. For this, an analysis of dispensing reports, and data such as sex and age, of patients treated at a UBS located in the city of Nova Laranjeiras – Paraná, was performed. Of the 1988 dispensations carried out during the 6 months, 1046 occurred in 2019 and 942 in 2020, showing a reduction of 9.94%. However, when analyzing the dispensing of each drug

separately, it was possible to observe an increase in the use of clonazepam (3.38%) and nortriptyline (23.72%) in 2020. As for the analyzed variables, it was possible to observe that there was predominance of medication use by females, and also by people aged between 59 and 69 years, in both years. Contrary to expectations, the study showed that there was no increase in the use of medications for anxiety and depression during the pandemic.

KEYWORDS: COVID-19, psychopharmaceuticals, depression, anxiety.

INTRODUÇÃO

A depressão e a ansiedade são as doenças mentais mais comuns e acometem grande parte da população em algum período de suas vidas. Essas psicopatologias são problemas graves de saúde pública, pois os pacientes tendem a apresentar, não só patologias relacionadas à saúde mental, mas também pior evolução de quadros de saúde em geral, seja por diminuição de auto cuidados ou por fatores biológicos relacionados ao estresse, além do elevado risco de evoluir a consequências mais graves desses quadros, como tentativas de morte por suicídio, contra a qual luta-se diariamente através de ações preventivas, informativas e terapêuticas em todos os níveis da assistência em saúde (PEROBELLI *et al.*, 2018).

A preocupação com a saúde mental da população se intensifica durante a grave crise enfrentada atualmente: a pandemia causada pelo SARS-CoV-2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*, ou em português, síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2), o qual ocasiona a COVID-19 (*coronavirus disease 2019*, ou em português, doença do coronavírus 2019) que torna-se também um dos maiores problemas de saúde pública das últimas décadas, tendo atingido praticamente todo o planeta (FARO *et al.*, 2020).

Um evento como esse, pode trazer perturbações psicológicas e sociais pois, além do medo de contrair a doença, a COVID-19 tem provocado uma sensação de insegurança em todos os aspectos da vida, seja coletiva ou individual, afetando o funcionamento diário da sociedade e também as relações interpessoais. Nesse contexto, os sistemas de saúde entram em colapso, os profissionais de saúde se sobrecarregam com longas jornadas de trabalho, e além disso, o método de controle da doença mais efetivo, que é o distanciamento social, impacta de forma direta na saúde mental de todos (FARO *et al.*, 2020).

Apesar de que, em situações como a pandemia enfrentada atualmente, o foco das pesquisas, dos serviços de saúde e das informações através da mídia seja direcionado aos aspectos biológicos da doença, sendo baseado nas medidas preventivas como o distanciamento, o uso de máscara e hábitos higiênicos, e na busca por métodos de erradicação da doença, como vacinas e tratamentos farmacológicos, a atenção para a saúde mental e o bem-estar das pessoas nesse contexto não possui menor importância, visto que, os impactos psicológicos que podem ser provocados, ou agravados, tem duração de longo prazo, podendo ser ainda mais prolongados do que a própria pandemia (NABUCO; OLVEIRA; AFONSO, 2020).

Desde as experiências advindas de outros surtos como da SARS em 2002, da H1N1 em 2009, da MERS em 2012, do Ebola entre 2013 e 2016, e frente à COVID-19 atualmente, percebe-se a necessidade de investigar e agir em questões relativas à saúde mental ao longo da crise, uma vez que a capacidade de alcançar um estado psicológico saudável é desafiada, dia após dia, por inúmeras adversidades trazidas em períodos como este. Isso reitera a constatação de que, durante uma pandemia, é provável que seja vivenciada uma carga elevada de experiências e emoções negativas, criando a necessidade de cuidados psicológicos constantes desde o período inicial do problema (FARO *et al.*, 2020).

Desse modo, este trabalho tem como objetivo investigar o possível aumento do uso de medicamentos para os transtornos de depressão e de ansiedade, durante a pandemia de coronavírus, com o intuito de trazer informações e conhecimento sobre a relação da saúde mental da população em meio as inúmeras mudanças trazidas pelo período pandêmico.

MATERIAL E MÉTODOS

Estudo de caráter transversal descritivo, no qual foi efetuado um levantamento de dados de dispensação de psicofármacos no período que compreendeu o último trimestre do ano de 2019 e o último trimestre de 2020, o qual foi acometido pela pandemia de COVID-19, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) situada no município de Nova Laranjeiras, que está localizado na região oeste do Paraná, contendo aproximadamente 11.462 habitantes de acordo com o IBGE (2021).

A pesquisa foi iniciada em 28 de agosto de 2021, logo após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, cujo parecer nº 4.938.000 foi emitido no dia 27/08/2021 (CAAE 47961021.8.0000.5219).

Para a coleta das informações, primeiramente foram gerados relatórios mensais de dispensação de Medicamentos sujeitos à Controle Especial, nos quais foram selecionados para análise os antidepressivos e os ansiolíticos disponíveis na UBS, dentre os quais estão a amitriptilina, o clonazepam, o diazepam, a fluoxetina, a imipramina e a nortriptilina.

Em seguida, com o número do Cartão Nacional SUS de cada paciente presente no relatório de dispensação dos medicamentos, foram analisadas variáveis como sexo e idade, por meio do acesso on-line no sistema da farmácia, denominado Hórus. E então, todos os dados obtidos foram tabulados no programa Microsoft Office Excel e posteriormente analisados estatisticamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização do estudo, foram analisados os relatórios de dispensação dos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2019, meses antes da pandemia de COVID-19 e dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2020, meses durante a pandemia de COVID-19, que compreenderam um total de 1988 dispensações, envolvendo medicamentos como a amitriptilina, o clonazepam, o diazepam, a fluoxetina, a imipramina e a nortriptilina. A Figura 1 mostra a quantidade desses medicamentos que foram dispensados durante os três meses no ano de 2019 em comparação com a quantidade dispensada nos mesmos meses do ano de 2020.

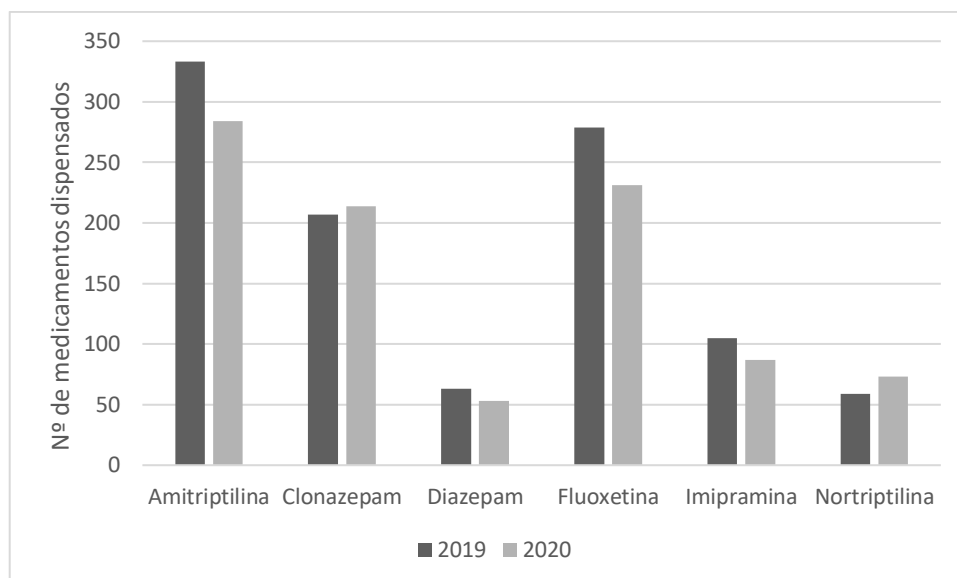


Figura 1 - Comparativo da quantidade de psicofármacos dispensados entre os anos de 2019 e 2020, Nova Laranjeiras (PR), 2021.

Do total de 1988 dispensações que foram realizadas no intervalo de tempo analisado, 1.046 ocorreram no ano de 2019 e 942 no ano de 2020. Desse modo, pode ser observada uma redução de 9,94% do número de medicamentos dispensados durante o último trimestre de 2020, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. No entanto, quando analisada a dispensação dos medicamentos individualmente, é possível observar um aumento no uso do clonazepam e da nortriptilina em 2020, sendo que em 2019 foram feitas 207 dispensações de clonazepam e 59 de nortriptilina, e em 2020 foram realizadas 214 dispensações de clonazepam e 73 de nortriptilina, correspondendo a um aumento de 3,38% e de 23,72%, respectivamente.

Ao observar a Figura 1, também é possível perceber que o medicamento mais dispensado foi a amitriptilina, pertencente à classe dos antidepressivos tricíclicos (ADT), somando um total de 333 que foram dispensadas em 2019 e 284 em 2020, e logo em seguida a fluoxetina, um inibidor seletivo da recaptação de serotonina (ISRS), com 279 dispensações em 2019 e 231 em 2020. Seguindo uma ordem decrescente, tem-se o clonazepam, ansiolítico da classe dos benzodiazepínicos (BDZ), a imipramina (ADT), a nortriptilina (ADT) e o diazepam (BDZ), respectivamente.

A redução no número de dispensações não significa necessariamente que os transtornos mentais foram amenizados, mas que esse resultado pode justificar-se por

meio de várias possibilidades, pois não vai de encontro com o que foi demonstrado em outros estudos.

Uma sugestão que pode justificar essa diminuição é o próprio fato de as pessoas terem passado mais tempo em suas casas. Da mesma forma que isso pode ter trazido turbulências para alguns, também pode ter trazido mais tranquilidade para outros, pois passaram a trabalhar de forma “home office”, amenizando assim o estresse causado pelo trabalho e diminuindo o sentimento da necessidade de fazer uso desses medicamentos.

Por outro lado, há também a possibilidade da redução estar relacionada com as mudanças nas regras de prescrição e dispensação de psicotrópicos, regulamentadas pela Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 357/2020, que foi publicada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), e que estende para três a seis meses as quantidades máximas a serem dispensadas, possibilitando também a entrega em domicílio, dos medicamentos presentes nas listas da Portaria nº 344/1998, com o intuito de evitar aglomerações com o comparecimento dos pacientes nas Unidades dispensadoras, e diminuir o contato social que favorece a disseminação do coronavírus.

Dessa forma, não fica totalmente explícito, no período de tempo analisado, o número real de pacientes que fazem ou passaram a fazer o uso desses medicamentos, já que a maioria das pessoas, por medo de contrair a doença, se mantiveram em suas casas o máximo possível, evitando se expor principalmente em locais aglomerados de pessoas doentes, como as Unidades de saúde, até mesmo para receberem seus medicamentos de uso contínuo, como é o caso dos psicofármacos.

Em contraste, um estudo realizado por Meira, Mangabeira e Rodrigues (2020), que analisou o consumo de psicotrópicos em uma UBS do Distrito Federal, demonstrou aumento significativo da utilização de 3 medicamentos, a clorpromazina, a nortriptilina e o fenobarbital. Segundo os autores, esse resultado pode estar relacionado com a falta de informação dos prescritores sobre a nova legislação, que permitiu a dispensação de quantidades maiores dos medicamentos de controle especial, ou também com o receio de manter uma quantidade maior desses

medicamentos em posse dos pacientes, por facilitar assim a intoxicação devido à mau uso da farmacoterapia.

Em outro estudo, realizado por Machado (2020), foi avaliada a dispensa de ansiolíticos da classe dos benzodiazepínicos em uma drogaria no ano de 2019 e comparada ao ano de 2020, o qual demonstrou também aumento da comercialização desses medicamentos, sendo que os três mais vendidos foram o clonazepam com aumento de 183%, o alprazolam com 21%, e o clobazam com 10%. Machado (2020) cita a RDC nº 357/2020 como um fator que pode estar relacionado a esse aumento, pelo fato de autorizar a venda de medicamentos da Portaria nº 344/1998 em maior quantidade, justamente para evitar a circulação das pessoas nos estabelecimentos durante o período da pandemia. Porém, o autor ainda ressalta que esse aumento do consumo de benzodiazepínicos, pode ter sido, de fato, ocasionado pelo aumento de distúrbios mentais desencadeados, ou agravados, pela própria pandemia.

Um outro estudo que foi realizado por Pessolato *et al.* (2021) demonstrou-se um considerável crescimento das vendas de fitoterápicos com propriedades ansiolíticas em drogarias, durante um período marcado pela pandemia de COVID-19, o qual analisou os meses de abril, maio, junho e julho de 2020, com consumo de 97,70%, 137,93%, 144,89% e 142,50%, respectivamente, de medicamentos como Maracujá®, Pasalix®, Valeriane®, Seakalm®, Serenus®, Maracugina®, Calman® e Calmasyn®. Pessolato *et al.* (2021) afirma que esse aumento está diretamente relacionado à tentativa de amenizar diversas emoções desencadeadas ou intensificadas pela pandemia, tendo como escolha esse tipo de medicamento devido ao fácil acesso para a população.

É notável que a pandemia de COVID-19 provocou diversas mudanças na vida da população a nível global. Assim, fica visível a necessidade de se investigar mais amplamente esse assunto, realizando pesquisas com populações maiores, e estudos de incidência para melhor evidenciar o estado de saúde mental das pessoas durante esse período.

A relação da dispensação entre os meses analisados é demonstrada na Figura 2, na qual pode-se observar que, no ano de 2019, o maior número de psicofármacos dispensados ocorreu no mês de outubro, com um total de 401 dispensações, seguindo uma ordem decrescente nos dois próximos meses (331 e 314). Já em 2020 não houve

essa sequência, sendo que o mês com maior número de dispensação desses medicamentos foi dezembro (337), seguido por outubro (308), e por último com menor número, o mês de novembro (292).

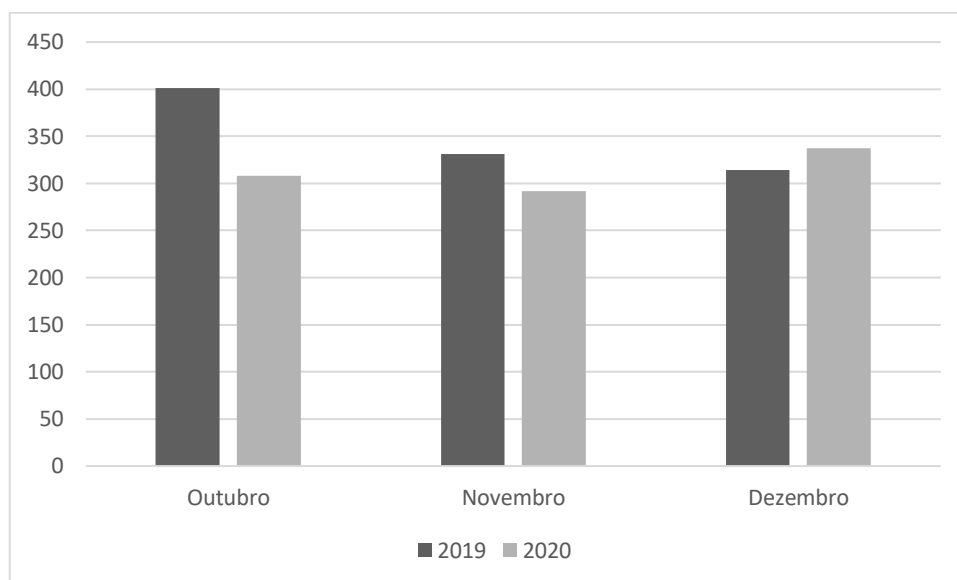


Figura 2 - Comparativo da quantidade de psicofármacos dispensados entre o último trimestre dos anos de 2019 e de 2020, Nova Laranjeiras (PR), 2021.

Além do número de dispensações de psicotrópicos, também foram analisados dados como sexo e idade dos pacientes que receberam esses medicamentos. Com relação a essas variáveis, pode-se dizer que foram encontrados resultados esperados, que vão de encontro com estudos já realizados anteriormente.

Como é possível observar na Figura 3, houve um predomínio da utilização de medicamentos ansiolíticos e antidepressivos pelas mulheres, em ambos os anos, sendo 72,46% do sexo feminino e 27,54% do sexo masculino em 2019, e 73,14% do sexo feminino e 26,86% do sexo masculino em 2020.

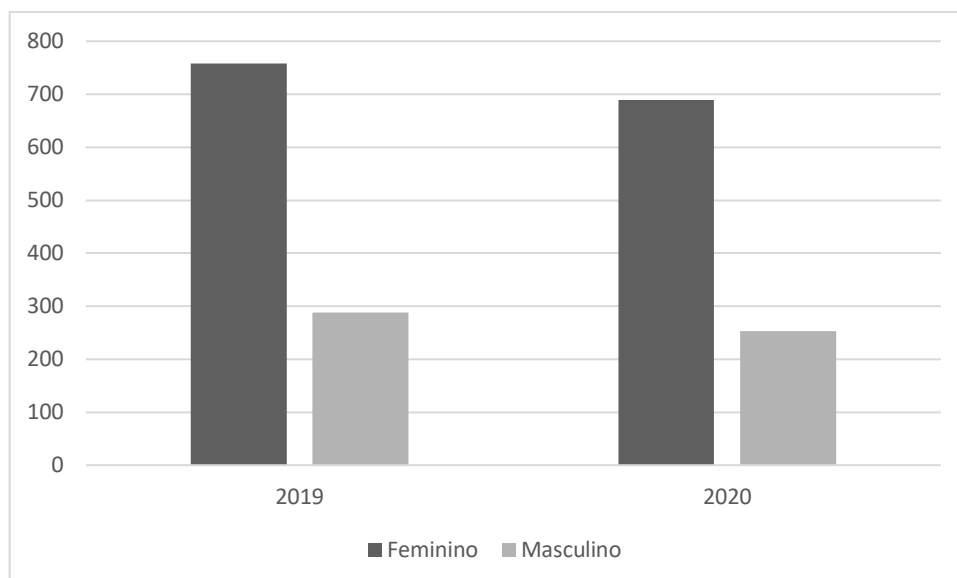


Figura 3 - Comparativo da utilização de psicofármacos entre o sexo feminino e o sexo masculino nos anos de 2019 e de 2020, Nova Laranjeiras (PR), 2021.

O predomínio da utilização dos antidepressivos e ansiolíticos por pessoas do sexo feminino, demonstrado neste estudo, pode estar relacionado com a procura por serviços de saúde, como mostra o estudo realizado por Levorato *et. al* (2013), no qual observou-se uma busca 1,9 vezes maior por mulheres com relação aos homens. Este fato pode ser explicado por um estudo feito por Carneiro, Adjuto e Alves (2019), em que foram realizadas entrevistas aos pacientes do sexo masculino sobre os fatores relacionados à procura por serviços de atenção primária, que responderam que a mulher é quem procura mais por ser mais consciente com a própria saúde, sendo habituada a tomar medidas de prevenção, além de ser mais frágil e vulnerável às doenças, e existirem mais políticas públicas de saúde direcionadas à elas, proporcionando maior facilidade de acesso e maior disponibilidade de especialistas.

Com relação à idade, foram excluídos da pesquisa os pacientes com 18 anos ou menos, portanto, foram analisados dados de pacientes com idade igual ou maior a 19 anos, tendo sido separados em faixas etárias com intervalo de 10 anos, como demonstra a Tabela 1.

Tabela 1 - Comparativo da dispensação de psicofármacos entre os anos de 2019 e de 2020 de acordo com a faixa etária, Nova Laranjeiras (PR), 2021.

FAIXA ETÁRIA	2019(%)	2020(%)
(ANOS)		

19-29	37(3,5%)	25(2,6%)
29-39	107(10,2%)	67(7,1%)
39-49	212(20,2%)	164(17,4%)
49-59	239(22,8%)	228(24,2%)
59-69	239(22,8%)	241(25,5%)
≥69	212(20,2%)	217(23,0%)
TOTAL	1046(100%)	942(100%)

De acordo com as informações mostradas na Tabela 1, pode-se afirmar que o maior consumo de psicofármacos foi por pacientes que apresentaram idade entre 59 e 69 anos, em ambos os anos, com resultados de 239 dispensações em 2019 e 241 em 2020, tendo um leve aumento de 0,83% em 2020. Houve um pequeno aumento do uso (2,35%) também por pacientes com 69 anos ou mais, com 212 dispensações em 2019 e 217 em 2020. O segundo maior número de dispensação desses medicamentos, esteve na faixa etária de 49 a 59 anos, com um total de 239 dispensações no ano de 2019 e 228 em 2020.

É possível observar também que, a faixa etária que demonstrou menor uso desses medicamentos, foi de 19 a 29 anos, totalizando uma quantidade de 37 unidades dispensadas em 2019 e 25 em 2020. O segundo menor número de dispensação esteve na faixa etária de pacientes entre 29 e 39 anos, com 107 e 67 unidades dispensadas em 2019 e 2020, respectivamente.

A partir dos resultados apresentados na Tabela acima, nota-se que o consumo de medicamentos psicotrópicos aumenta proporcionalmente com a idade até os 69 anos, ou seja, pessoas mais jovens utilizam menos medicamentos como esses do que pessoas com mais idade.

Esse fato também pode ser justificado pela procura por serviços de saúde, pois pessoas com mais idade são as que mais buscam por estes atendimentos, como demonstrou o estudo de Levorato *et al.* (2013), no qual houve predomínio de pacientes de 26 a 49 anos, seguida pelo grupo de pacientes com 50 a 65 anos, que buscaram pelos serviços públicos de saúde.

CONCLUSÃO

É perceptível que a pandemia de COVID-19 acarretou inúmeras mudanças na vida de todos, afetando o funcionamento diário da sociedade. A adaptação frente à essa situação fez-se necessária, e ela ocorreu de diferentes formas para cada pessoa. Alguns conseguiram modular seu cotidiano e seguir com suas atividades normalmente, outros tiveram maiores dificuldades nisso e possivelmente tiveram seu psicológico abalado.

Ao contrário do esperado, o presente estudo demonstrou uma redução do uso de fármacos para ansiedade e depressão durante a pandemia, mas não é possível afirmar que os transtornos mentais também diminuíram, devido às várias possibilidades que justificam esse resultado. Além disso, outros estudos que vem sendo realizados mostraram o aumento, tanto da dispensação por Unidades públicas como da comercialização por Farmácias privadas, desses medicamentos.

Portanto, é evidente a importância da realização de pesquisas nesse âmbito, com um número maior de pacientes e também um período de tempo mais amplo, para melhor analisar a saúde mental das pessoas em um período como este, e assim obter um resultado mais significativo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 357, de 24 de março de 2020, Estende, temporariamente, as quantidades máximas de medicamentos sujeitos a controle especial permitidas em Notificações de Receita e Receitas de Controle Especial e permite, temporariamente, a entrega remota definida por programa público específico e a entrega em domicílio de medicamentos sujeitos a controle especial, em virtude da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) relacionada ao novo Coronavírus (SARS-CoV-2). Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-rdc-n-357-de-24-de-marco-de-2020-249501721>>. Acesso em: 26 set. 2021.
- CARNEIRO, V. S. M.; ADJUTO, R. N. P.; ALVES, K. A. P. Saúde do homem: identificação e análise dos fatores relacionados à procura, ou não, dos serviços de atenção primária. Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama, v. 23, n. 1, p. 35-40, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/6521/37289.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2021.
- FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v.37, e200074, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico Brasileiro de 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/nova-laranjeiras/panorama>>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- MACHADO, M. B. Avaliação da dispensação de benzodiazepínicos em uma drogaria em tempos de pandemia COVID 19 na cidade de Uberaba-MG. Uberaba, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.uniube.br/bitstream/123456789/1568/1/MARIA%20BRASILINA%20MACHADO.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

MEIRA, K. L.; MANGABEIRA O. T.; RODRIGUES R. C.; O impacto da pandemia pelo novo coronavírus na assistência farmacêutica em uma unidade básica de saúde do distrito federal. HRJ. 2020. Disponível em: <<https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/116/128>>. Acesso em: 22 out. 2021.

NABUCO G.; OLIVEIRA M. H. P. P.; AFONSO M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2020;15(42):2532. Disponível em: <<https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532/1567>>. Acesso em: 17 set. 2021.

PEROBELLI, A. O. *et al.* Diretrizes Clínicas em Saúde Mental. Vitória: [S.l.: s.n., 2018. 265 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PESSOLATO, J. P. *et al.* Avaliação do consumo de Valeriana e Passiflora durante pandemia COVID-19. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.2, p. 5589-5609 mar./apr. 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/26397/20927>>. Acesso em: 06 out. 2021.

3. NORMAS DA REVISTA

DIRETRIZES PARA AUTORES

ATENÇÃO: Os trabalhos deverão ser enviados acompanhados de uma carta de solicitação de publicação que indique endereço, telefone e e-mail para contato com o(s) autor(es), bem como a classificação do trabalho (Artigo Científico, Artigo de Revisão ou Resumo de Dissertações ou Teses).

IMPORTANTE: O(s) autor(es) deve(rão) enviar uma AUTORIZAÇÃO para publicação do trabalho na íntegra, no site da Visão Acadêmica, pela internet.

NORMAS GERAIS:

- a)** Os trabalhos para publicação devem ser exclusivos à Visão Acadêmica, ou seja, não podem ter sido publicados ou enviados para outras revistas.
- b)** Todos os originais são submetidos ao Conselho Editorial, que reserva-se ao direito de sugerir eventuais modificações de estrutura e conteúdo do trabalho, quando acordadas com os autores.
- c)** As opiniões expressas nos trabalhos são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS:

Formato: Os trabalhos deverão ser digitados no editor de texto *Microsoft Word*, com página configurada em tamanho A4, fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, com margens superior, inferior e esquerda com 3 cm e margem direita com 2 cm, observando a ortografia oficial. O artigo deverá conter título e resumo em inglês. O trabalho deverá ser submetido online, sendo que o arquivo deverá ser salvo nos formatos doc, RTF ou PDF. Artigos de Revisão e Resumo deverão conter título e resumo em inglês. O trabalho deverá ser submetido online, sendo que o arquivo deverá ser salvo nos formatos doc, RTF ou PDF.

4. RELATÓRIO DOCXWEB

Título: **o uso de psicofarmacos antes e durante a pandemia**

Data: 27/10/2021 22:03

Usuário: Kaluani Taina Veroneze

Email: kaluanitaina@hotmail.com

Revisão: 1

Observações:

- Caso tenha dúvida na interpretação do relatório, acione o botão 'Ajuda'.

- Caso tenha recebido este relatório de outra pessoa e exista a suspeita de violação das informações mais sensíveis apresentadas abaixo, use o texto da pesquisa e realize uma nova pesquisa no docxweb.com.

- As demais informações estão disponíveis no restante das abas expansíveis do relatório.

Autenticidade em relação a INTERNET

Autenticidade Calculada: **95 %**

Ocorrência de Links:

4 % <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

3 % <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

1 % <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/17...>

1 % http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X20200...

1 % <https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

1 % <http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ANAIS-CONGR...>

Autenticidade em relação a INTERNET

% Ocorrência de Links

4 <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

3 <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

1 <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

1 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507

1 <https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

1 <http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ANAIS-CONGRESSO-SAUDE-E-SOCIEDADE.pdf>

Texto Pesquisado (Internet)

RESUMO:

Muito se fala **sobre os impactos mentais que podem** ter sido ocasionados durante a pandemia da doença por coronavírus (COVID-19). **Assim, o presente estudo teve como objetivo** comparar a quantidade de ansiolíticos e antidepressivos dispensados durante o último trimestre de 2019 com o último trimestre de 2020, e verificar se houve aumento. Para isso, foi realizada análise de relatórios de dispensação, e dados como sexo e idade, de pacientes atendidos em uma UBS localizada na cidade de Nova Laranjeiras – Paraná. Das 1988 dispensações realizadas durante os 6 meses, 1046 ocorreram em 2019 e 942 em 2020, demonstrando uma redução de 9,94%. Entretanto, ao analisar a dispensação de cada medicamento separadamente, pôde-se observar aumento do uso do clonazepam (3,38%) e da nortriptilina (23,72%) no ano de 2020. Quanto às variáveis analisadas, foi possível observar que houve predomínio da utilização dos medicamentos por pessoas do sexo feminino, e também por pessoas com idade entre 59 e 69 anos, em ambos os anos. Ao contrário do que se esperava, o estudo demonstrou que não houve aumento do uso de medicamentos para ansiedade e depressão durante a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: **COVID-19, psicofármacos, depressão,** ansiedade.

ABSTRACT:

Much is said about the mental impacts that may have been caused during the coronavirus disease pandemic(COVID-19). Thus, the present study aimed to compare the amount of anxiolytics and antidepressants dispensed during the last quarter of 2019 with the last quarter of 2020, and verify if there was an increase. For this, an analysis of dispensing reports, and data such as sex and age, of patients treated at a UBS located in the city of Nova Laranjeiras – Paraná, was performed. Of the 1988 dispensations carried out during the 6 months, 1046 occurred in 2019 and 942 in 2020, showing a reduction of 9.94%. However, when analyzing the dispensing of each drug separately, it was possible to observe an increase in the use of clonazepam (3.38%) and nortriptyline (23.72%) in 2020. As for the analyzed variables, it was possible to observe that there was predominance of medication use by females, and also by people aged between 59 and 69 years, in both years. Contrary to expectations, the study showed that there was no increase in the use of medications for anxiety and depression during the pandemic.

KEYWORDS: COVID-19, psychopharmaceuticals, depression, anxiety.

INTRODUÇÃO

A depressão e a ansiedade são as doenças mentais mais comuns e acometem grande parte da população em algum período de suas vidas. Essas psicopatologias são problemas graves de saúde pública, pois os pacientes tendem a apresentar, não só patologias relacionadas à saúde mental, mas também pior evolução de quadros de saúde em geral, seja por diminuição de auto cuidados ou por fatores biológicos relacionados ao estresse, além do elevado risco de evoluir a consequências mais graves desses quadros, como tentativas de morte por suicídio, contra a qual luta-se diariamente através de ações preventivas, informativas e terapêuticas em todos os níveis da assistência em saúde (PEROBELLI et al., 2018).

A preocupação com a saúde mental da população se intensifica durante a grave crise enfrentada atualmente: a pandemia causada pelo SARS-CoV-2 (severe acute respiratory syndrome coronavirus 2, ou em português, síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2), o qual ocasiona a COVID-19 (coronavírus disease 2019, ou em português, doença do coronavírus 2019) que torna-se também um dos maiores problemas de saúde pública das últimas décadas, tendo atingido praticamente todo o planeta (FARO et al., 2020).

Um evento como esse, pode trazer perturbações psicológicas e sociais pois, além do medo de contrair a doença, a COVID-19 tem provocado uma sensação de insegurança em todos os aspectos da vida, seja coletiva ou individual, afetando o funcionamento diário da sociedade e também as relações interpessoais. Nesse contexto, os sistemas de saúde entram em colapso, os profissionais de saúde se sobrecarregam com longas jornadas de trabalho, e além disso, o método de controle da doença mais efetivo, que é o distanciamento social, impacta de forma direta na saúde mental de todos (FARO et al., 2020).

Apesar de que, em situações como a pandemia enfrentada atualmente, o foco das pesquisas, dos serviços de saúde e das informações através da mídia seja direcionado aos aspectos biológicos da doença, sendo baseado nas medidas preventivas como o distanciamento, o uso de máscara e hábitos higiênicos, e na busca por métodos de erradicação da doença, como vacinas e tratamentos farmacológicos, a atenção para a saúde mental e o bem-estar das pessoas nesse contexto não possui

menor importância, visto que, os impactos psicológicos que podem ser provocados, ou agravados, tem duração de longo prazo, podendo ser ainda mais prolongados do que a própria pandemia (NABUCO; OLVEIRA; AFONSO, 2020). Desde as experiências advindas de outros surtos como da SARS em 2002, da H1N1 em 2009, da MERS em 2012, do Ebola entre 2013 e 2016, e frente à COVID-19 atualmente, percebe-se a necessidade de investigar e agir em questões relativas à saúde mental ao longo da crise, uma vez que a capacidade de alcançar um estado psicológico saudável é desafiada, dia após dia, por inúmeras adversidades trazidas em períodos como este. Isso reitera a constatação de que, durante uma pandemia, é provável que seja vivenciada uma carga elevada de experiências e emoções negativas, criando a necessidade de cuidados psicológicos constantes desde o período inicial do problema (FARO et al., 2020). Desse modo, este trabalho tem como objetivo investigar o possível aumento do uso de medicamentos para os transtornos de depressão e de ansiedade, durante a pandemia de coronavírus, com o intuito de trazer informações e conhecimento sobre a relação da saúde mental da população em meio as inúmeras mudanças trazidas pelo período pandêmico.

MATERIAL

E

MÉTODOS

Estudo de caráter transversal descritivo, no qual foi efetuado um levantamento de dados de dispensação de psicofármacos no período que compreendeu o último trimestre do ano de 2019 e o último trimestre de 2020, o qual foi acometido pela pandemia de COVID-19, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) situada no município de Nova Laranjeiras, que está localizado na região oeste do Paraná, contendo aproximadamente 11.462 habitantes de acordo com o IBGE (2021). A pesquisa foi iniciada em 28 de agosto de 2021, logo após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, cujo parecer nº 4.938.000 foi emitido no dia 27/08/2021 (CAAE 47961021.8.0000.5219).

Para a coleta das informações, primeiramente foram gerados relatórios mensais de dispensação de Medicamentos sujeitos à Controle Especial, nos quais foram selecionados para análise os antidepressivos e os ansiolíticos disponíveis na UBS, dentre os quais estão a amitriptilina, o clonazepam, o diazepam, a fluoxetina, a

imipramina e a nortriptilina.

Em seguida, com o número do Cartão Nacional SUS de cada paciente presente no relatório de dispensação dos medicamentos, foram analisadas variáveis como sexo e idade, por meio do acesso on-line no sistema da farmácia, denominado Hórus. E então, todos os dados obtidos foram tabulados no programa Microsoft Office Excel e posteriormente analisados estatisticamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização do estudo, foram analisados os relatórios de dispensação dos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2019, meses antes da pandemia de COVID-19 e dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2020, meses durante a pandemia de COVID-19, que compreenderam um total de 1988 dispensações, envolvendo medicamentos como a amitriptilina, o clonazepam, o diazepam, a fluoxetina, a imipramina e a nortriptilina. A Figura 1 mostra a quantidade desses medicamentos que foram dispensados durante os três meses no ano de 2019 em comparação com a quantidade dispensada nos mesmos meses do ano de 2020. Do total de 1988 dispensações que foram realizadas no intervalo de tempo analisado, 1.046 ocorreram no ano de 2019 e 942 no ano de 2020. Desse modo, pode ser observada uma redução de 9,94% do número de medicamentos dispensados durante o último trimestre de 2020, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. No entanto, quando analisada a dispensação dos medicamentos individualmente, é possível observar um aumento no uso do clonazepam e da nortriptilina em 2020, sendo que em 2019 foram feitas 207 dispensações de clonazepam e 59 de nortriptilina, e em 2020 foram realizadas 214 dispensações de clonazepam e 73 de nortriptilina, correspondendo a um aumento de 3,38% e de 23,72%, respectivamente. Ao observar a Figura 1, também é possível perceber que o medicamento mais dispensado foi a amitriptilina, pertencente à classe dos antidepressivos tricíclicos (ADT), somando um total de 333 que foram dispensadas em 2019 e 284 em 2020, e logo em seguida a fluoxetina, um inibidor seletivo da recaptação de serotonina (ISRS), com 279 dispensações em 2019 e 231 em 2020. Seguindo uma ordem decrescente, tem-se o clonazepam, ansiolítico da classe dos benzodiazepínicos (BDZ), a imipramina (ADT), a nortriptilina (ADT) e o diazepam (BDZ), respectivamente. A redução no número de dispensações não significa necessariamente que os

transtornos mentais foram amenizados, mas que esse resultado pode justificar-se por meio de várias possibilidades, pois não vai de encontro com o que foi demonstrado em outros estudos.

Uma sugestão que pode justificar essa diminuição é o próprio fato de as pessoas terem passado mais tempo em suas casas. Da mesma forma que isso pode ter trazido turbulências para alguns, também pode ter trazido mais tranquilidade para outros, pois passaram a trabalhar de forma “home office”, amenizando assim o estresse causado pelo trabalho e diminuindo o sentimento da necessidade de fazer uso desses medicamentos.

Por outro lado, há também a possibilidade da redução estar relacionada com as mudanças nas regras de prescrição e dispensação de psicotrópicos, regulamentadas pela Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 357/2020, que foi publicada **pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)**, e que estende para três a seis meses as quantidades máximas a serem dispensadas, possibilitando também a entrega em domicílio, dos medicamentos presentes nas listas da Portaria nº 344/1998, com o intuito de evitar aglomerações com o comparecimento dos pacientes nas Unidades dispensadoras, e diminuir o contato social que favorece a disseminação do coronavírus.

Dessa forma, não fica totalmente explícito, no período de tempo analisado, o número real de pacientes que fazem ou passaram a fazer o uso desses medicamentos, já que a maioria das pessoas, por medo de contrair a doença, se mantiveram em suas casas o máximo possível, evitando se expor principalmente em locais aglomerados de pessoas doentes, como as Unidades de saúde, até mesmo para receberem seus medicamentos de uso contínuo, como é o caso dos psicofármacos. Em contraste, um estudo realizado por Meira, Mangabeira e Rodrigues (2020), que analisou o consumo de psicotrópicos em uma UBS do Distrito Federal, demonstrou aumento significativo da utilização de 3 medicamentos, a clorpromazina, a nortriptilina e o fenobarbital. Segundo os autores, esse resultado pode estar relacionado com a falta de informação dos prescritores sobre a nova legislação, que permitiu a dispensação de quantidades maiores dos medicamentos de controle especial, ou também com o receio de manter uma quantidade maior desses medicamentos em posse dos pacientes, por facilitar assim a intoxicação devido à mau uso da

farmacoterapia.

Em outro estudo, realizado por Machado (2020), foi avaliada a dispensa de ansiolíticos da classe dos benzodiazepínicos em uma drogaria no ano de 2019 e comparada ao ano de 2020, o qual demonstrou também aumento da comercialização desses medicamentos, sendo que os três mais vendidos foram o clonazepam com aumento de 183%, o alprazolam com 21%, e o clobazam com 10%. Machado (2020) cita a RDC nº 357/2020 como um fator que pode estar relacionado a esse aumento, pelo fato de autorizar a venda de medicamentos da Portaria nº 344/1998 em maior quantidade, justamente para evitar a circulação das pessoas nos estabelecimentos durante o período da pandemia. Porém, o autor ainda ressalta que esse aumento do consumo de benzodiazepínicos, pode ter sido, de fato, ocasionado pelo aumento de distúrbios mentais desencadeados, ou agravados, pela própria pandemia. Um outro estudo que foi realizado por Pessolato et al. (2021) demonstrou-se um considerável crescimento das vendas de fitoterápicos com propriedades ansiolíticas em drogarias, durante um período marcado pela pandemia de COVID-19, o qual analisou os meses de abril, maio, junho e julho de 2020, com consumo de 97,70%, 137,93%, 144,89% e 142,50%, respectivamente, de medicamentos como Maracujá®, Pasalix®, Valeriane®, Seakalm®, Serenus®, Maracugina®, Calman® e Calmasyn®. Pessolato et al. (2021) afirma que esse aumento está diretamente relacionado à tentativa de amenizar diversas emoções desencadeadas ou intensificadas pela pandemia, tendo como escolha esse tipo de medicamento devido ao fácil acesso para a população. É notável que a pandemia de COVID-19 provocou diversas mudanças na vida da população a nível global. Assim, fica visível a necessidade de se investigar mais amplamente esse assunto, realizando pesquisas com populações maiores, e estudos de incidência para melhor evidenciar o estado de saúde mental das pessoas durante esse período. A relação da dispensação entre os meses analisados é demonstrada na Figura 2, na qual pode-se observar que, no ano de 2019, o maior número de psicofármacos dispensados ocorreu no mês de outubro, com um total de 401 dispensações, seguindo uma ordem decrescente nos dois próximos meses (331 e 314). Já em 2020 não houve essa sequência, sendo que o mês com maior número de dispensação desses

medicamentos foi dezembro (337), seguido por outubro (308), e por último com menor número, o mês de novembro (292). Além do número de dispensações de psicotrópicos, também foram analisados dados como sexo e idade dos pacientes que receberam esses medicamentos. Com relação a essas variáveis, pode-se dizer que foram encontrados resultados esperados, que vão de encontro com estudos já realizados anteriormente. Como é possível observar na Figura 3, houve um predomínio da utilização de medicamentos ansiolíticos e antidepressivos pelas mulheres, em ambos os anos, sendo 72,46% do sexo feminino e 27,54% do sexo masculino em 2019, e 73,14% do sexo feminino e 26,86% do sexo masculino em 2020. O predomínio da utilização dos antidepressivos e ansiolíticos por pessoas do sexo feminino, demonstrado neste estudo, pode estar relacionado com a procura por serviços de saúde, como mostra o estudo realizado por Levorato et. al (2013), no qual observou-se uma busca 1,9 vezes maior por mulheres com relação aos homens. Este fato pode ser explicado por um estudo feito por Carneiro, Adjuto e Alves (2019), em que foram realizadas entrevistas aos pacientes do sexo masculino sobre os fatores relacionados à procura por serviços de atenção primária, que responderam que a mulher é quem procura mais por ser mais consciente com a própria saúde, sendo habituada a tomar medidas de prevenção, além de ser mais frágil e vulnerável às doenças, e existirem mais políticas públicas de saúde direcionadas à elas, proporcionando maior facilidade de acesso e maior disponibilidade de especialistas. Com relação à idade, foram excluídos da pesquisa os pacientes com 18 anos ou menos, portanto, foram analisados dados de pacientes com idade igual ou maior a 19 anos, tendo sido separados em faixas etárias com intervalo de 10 anos, como demonstra a Tabela 1.

De acordo com as informações mostradas na Tabela 1, pode-se afirmar que o maior consumo de psicofármacos foi por pacientes que apresentaram idade entre 59 e 69 anos, em ambos os anos, com resultados de 239 dispensações em 2019 e 241 em 2020, tendo um leve aumento de 0,83% em 2020. Houve um pequeno aumento do uso (2,35%) também por pacientes com 69 anos ou mais, com 212 dispensações em 2019 e 217 em 2020. O segundo maior número de dispensação desses medicamentos, esteve na faixa etária de 49 a 59 anos, com um total de 239

dispensações no ano de 2019 e 228 em 2020.

É possível observar também que, a faixa etária que demonstrou menor uso desses medicamentos, foi de 19 a 29 anos, totalizando uma quantidade de 37 unidades dispensadas em 2019 e 25 em 2020. O segundo menor número de dispensação esteve na faixa etária de pacientes entre 29 e 39 anos, com 107 e 67 unidades dispensadas em 2019 e 2020, respectivamente.

A partir dos resultados apresentados na Tabela acima, nota-se que o consumo de medicamentos psicotrópicos aumenta proporcionalmente com a idade até os 69 anos, ou seja, pessoas mais jovens utilizam menos medicamentos como esses do que pessoas com mais idade. Esse fato também pode ser justificado pela procura por serviços de saúde, pois pessoas com mais idade são as que mais buscam por estes atendimentos, como demonstrou o estudo de Levorato et al. (2013), no qual houve predomínio de pacientes de 26 a 49 anos, seguida pelo grupo de pacientes com 50 a 65 anos, que buscaram pelos serviços públicos de saúde.

CONCLUSÃO

É perceptível que a pandemia de COVID-19 acarretou inúmeras mudanças na vida de todos, afetando o funcionamento diário da sociedade. A adaptação frente à essa situação fez-se necessária, e ela ocorreu de diferentes formas para cada pessoa. Alguns conseguiram modular seu cotidiano e seguir com suas atividades normalmente, outros tiveram maiores dificuldades nisso e possivelmente tiveram seu psicológico abalado.

Ao contrário do esperado, o presente estudo demonstrou uma redução do uso de fármacos para ansiedade e depressão durante a pandemia, mas não é possível afirmar que os transtornos mentais também diminuíram, devido às várias possibilidades que justificam esse resultado. Além disso, outros estudos que vem sendo realizados mostraram o aumento, tanto da dispensação por Unidades públicas como da comercialização por Farmácias privadas, desses medicamentos. Portanto, é evidente a importância da realização de pesquisas nesse âmbito, com um número maior de pacientes e também um período de tempo mais amplo, para melhor analisar a saúde mental das pessoas em um período como este, e assim obter um resultado mais significativo.

Links por Ocorrência (Internet)

Fragmento: sobre os impactos mentais que podem

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

Fragmento: Assim, o presente estudo teve como objetivo

<https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

Fragmento: COVID-19, psicofármacos, depressão,

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

Fragmento: à saúde mental, mas também pior evolução

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

Fragmento: A preocupação com a saúde mental da população se intensifica durante a grave crise

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507

Fragmento: um dos maiores problemas de saúde pública das últimas décadas, tendo atingido praticamente todo o planeta (FARO et al., 2020). Um evento como esse,

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507

<https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

<http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ANAIS-CONGRESSO-SAUDE-E-SOCIEDADE.pdf>

Fragmento: perturbações psicológicas e sociais pois, além do medo de contrair a doença, a COVID-19 tem provocado uma sensação

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507

Fragmento: o funcionamento diário da sociedade

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

Fragmento: em colapso, os profissionais de saúde se sobrecarregam com longas jornadas de trabalho, e além disso, o método de controle

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507

Fragmento: que é o distanciamento social, impacta de forma direta na saúde mental de todos (FARO et al., 2020).

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

Fragmento: 2020). Desde as experiências advindas

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

Fragmento: entre 2013 e 2016, e frente à COVID-19

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/146/175/159>

Fragmento: percebe-se a necessidade de investigar e agir em questões relativas à saúde mental ao longo da crise, uma vez que a capacidade de alcançar um estado psicológico saudável é desafiada, dia após dia, por inúmeras adversidades

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/?format=pdf>

Fragmento: como este. Isso reitera a constatação de que, durante uma pandemia, é provável que seja vivenciada uma carga elevada de experiências e emoções negativas, criando a necessidade de cuidados psicológicos constantes desde o período inicial do problema (FARO et al., 2020). Desse modo, este

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

Fragmento: sobre a relação da saúde mental da população em meio as inúmeras

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dkxZ6QwHRPhZLsR3z8m7hvF/>

Fragmento: em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) situada no município
<http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ANAIS-CONGRESSO-SAUDE-E-SOCIEDADE.pdf>

Fragmento: após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do
Centro Universitário

<https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

<http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ANAIS-CONGRESSO-SAUDE-E-SOCIEDADE.pdf>

Fragmento: todos os dados obtidos foram tabulados no programa Microsoft Office Excel

<https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

Fragmento: meses de outubro, novembro e dezembro
<http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ANAIS-CONGRESSO-SAUDE-E-SOCIEDADE.pdf>

Fragmento: pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), e
<https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

<http://saudedafamiliaufc.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ANAIS-CONGRESSO-SAUDE-E-SOCIEDADE.pdf>

Fragmento: A partir dos resultados apresentados
<https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>

Fragmento: aumenta proporcionalmente com a
<https://www.rasbran.com.br/rasbran/issue/download/17/20>